UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

OS CABANOS E SEUS SONHOS DE LIBERDADE – A “REVOLTA DA CABANAGEM” NO ROMANCE LEALDADE, DE MÁRCIO SOUZA

Aluna: Nájila Isabelle Aquino Silva

HUMAITÁ-AM
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO Á PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL
PIB-H/0143/2016

OS CABANOS E SEUS SONHOS DE LIBERDADE – A "REVOLTA DA CABANAGEM" NO ROMANCE LEALDADE, DE MÁRCIO SOUZA

Aluna: Nájila Isabelle Aquino Silva
Orientadora: Mariana Rissi Azevedo

HUMAITÁ-AM
2017

RESUMO

O romance Lealdade, publicado em 1997, de autoria do escritor amazonense Márcio Souza, aqui tomado como objeto de pesquisa, contextualiza-se na região Amazônica, mais precisamente no antigo estado do Grão-Pará e Rio Negro, região norte do Brasil, e nos oferece um rico panorama acerca da história da antiga província durante o período colonial, que vai da Independência do Brasil a Guerra da Cabanagem, ocorrida entre os anos de 1835 e 1840, sob o manto de diversas lutas e revoltas que contou com a significativa interferência de tropas portuguesas em meio ao levante composto pala camada menos favorecida da população, que recebeu o nome de Cabanagem devido grande parte dos revoltosos morarem em cabanas à margem dos rios da região, estas pessoas eram conhecidas na época como “cabanos”. São aspectos dessa natureza que nos instigam a empreender uma análise crítico/literária do romance aqui eleito como objeto de estudo, cujo objetivo principal consiste em analisar a causa, e as consequências, da luta por liberdade deflagrada pelas classes menos favorecidas durante a revolta da Cabanagem.

Palavras-chave: Sonho de Liberdade, Revolta da Cabanagem, Romance Lealdade

ABSTRACT

The novel Lealdade, published in 1997 by the Amazonian writer Márcio Souza, and taken here as an object of research, is contextualized in the Amazon region, more precisely in the former state of Grão-Pará and Rio Negro, northern region of Brazil, and offers us a rich panorama about the History of the old province during the colonial period, which goes from the Independence of Brazil to the War of Cabanagem, which occurred between 1835 and 1840, under the mantle of various struggles and revolts that had significant interference of Portuguese troops in the midst of the composite uprising of the less favored strata of the population, which was called Cabanagem because a large part of the rioters lived in huts along the rivers of the region, these people were known at the time as "cabanas." It is an aspect of this nature that instigates us to undertake a critical / literary analysis of the novel here chosen as the object of study, which main objective is to analyze the cause and consequences of the struggle for liberty sparked by the less favored classes during the Cabanagem revolt.

Keywords: Liberty dream, Cabanagem revolt, Lealdade novel

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....5

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....6

3. AUTOR E OBRA 8

4. ANÁLISE DA OBRA.....10

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....14

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....15

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é de cunho bibliográfico-analítico que usa o método de analisar através de dados históricos e literários as ocorrências sobre a revolta da Cabanagem que aconteceu na região Amazônica, mais precisamente na antiga província do Grão-Pará. Este trabalho tem por objetivo desenvolver uma análise acerca da temática da "Revolta da Cabanagem" dentro do romance "Lealdade", de autoria do escritor amazonense Márcio Souza. Esta análise é de extrema importância para nos aprofundarmos a respeito desse movimento de revolta social ocorrida durante o período imperial no Brasil e na Amazônia.

O Romance Lealdade foi publicado em 1997; Marcio Souza engrandece sua obra usando uma linguagem clara, objetiva e de fácil entendimento ao leitor, facilitando a compreensão do romance, além de usar uma linguagem regionalista típica da época. Nesta obra é retratada a Revolta da Cabanagem, movimento que ocorreu na região Amazônica, no antigo Grão-Pará e Rio Negro, entre os anos de 1835 e 1840. Os fatos são narrados por meio de uma escrita ficcional rica, pautada em dados históricos a respeito da antiga província do Grão-Pará durante o período colonial que vai da Independência do Brasil a Guerra da Cabanagem de 1835 a 1840. Esta guerra recebeu o nome de Cabanagem devido a um grande número de revoltosos que moravam em cabanas às margens de rios da região, chamados de "cabanos".

O autor ficcionaliza em sua obra personagens reais e fatos históricos que aconteceram nessa época, permitindo assim uma forte conexão entre História e ficção. No decorrer do romance também é abordado aspectos relacionados a questões de política, cultura, etnia, raça e sociedade na região por meio de um rico e bem elaborado painel de histórias e fatos que se contextualizam na região amazônica. Em suma, o autor faz um resgate daquilo que a História brasileira deixou no esquecimento, a história da luta de um povo, em sua maioria negros e indígenas, que buscavam melhores condições de vida, igualdade e justiça.

No início do Período Regencial, a situação da população pobre do Grão-Pará era péssima; mestiços e índios viviam na miséria total, sem trabalho e sem condições adequadas de vida; os "cabanos" estavam sofrendo muito com as mortes, com a política corrupta, e a destruição da cultura regional, e, se encontravam em estado de exaustão e miséria.

São aspectos dessa natureza que nos instigam a fazer uma pesquisa literária a respeito do romance "Lealdade", aqui escolhido como objeto de estudo. Para tanto, buscamos embasamento teórico em textos críticos que abordam a relação entre literatura e sociedade relacionada ao contexto histórico e social. Assim, para subsidiar uma discussão que abarque nossa proposta analítica, tomaremos como suporte teórico autores críticos como: AZEVÊDO

(1987), BOSI (1992), BRITO (2008), CANDIDO (2006), GOLDMANN (1976), SOUZA (2009), CHIAVENATO (1989), entre outros, que nos possibilitarão uma fundamentação teórica capaz de subsidiar a discussão acerca da obra e da temática aqui tomada como objeto de estudo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No Grão-Pará o início do Período Regencial, no ano de 1835, foi marcado por uma rebelião provincial, que ocorreu por vários motivos, dentre eles a busca por autonomia política. A situação da população pobre do Grão-Pará era péssima, mestiços e índios viviam na miséria total, sem trabalho e sem condições adequadas de vida, os cabanos sofriam em suas miseráveis cabanas às margens dos rios. Sabe-se que ao longo da história do processo de colonização do Brasil, um grande ponto que se destaca é o discurso da alteridade do colonizador sob o colonizado, nesse caso o índio e o negro, que no decorrer da história tiveram sua fala silenciada frente aos colonizadores. Vale ressaltar, que tanto o índio quanto o negro, eram vistos como inferiores no contexto colonial. Estas situações provocaram o sentimento de abandono com relação ao governo central e, ao mesmo tempo, muita revolta. Mas não era somente os índios e mestiços que estavam se revoltando, os fazendeiros e os comerciantes do Grão-Pará também estavam insatisfeitos com as condições de vida na região. Foram os comerciantes e fazendeiros que lideraram o movimento de revolta, eles buscavam obter mais administrações e participação política na região, já os cabanos lutavam por melhores condições de moradia, trabalho e alimentação, que por sinal são condições mínimas para um ser humano sobreviver. Embora lutassem por causas diferentes, os cabanos e a elite local “fazendeiros e comerciantes” se uniram contra o governo regencial nesta revolta, mas o objetivo principal era a conquista da independência da província do Grão-Pará.

A revolta da cabanagem foi um movimento contra o governo central do Império e o regime monárquico que prevalecia na época. Uma forte característica desse movimento foi o grande número de populares que participaram da revolta, na qual, principalmente a população mais humilde lutou pelos seus objetivos.

Segundo Francisco Jorge (2010), a diversidade de setores sociais envolvidos demonstra que a Cabanagem não foi um movimento homogêneo, uma vez que seus integrantes, em diferentes grupos, apresentavam, inclusive, interesses divergentes. Nas palavras do historiador Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro, a Cabanagem deve, portanto, ser encarada como uma “revolta aberta”, já que seus setores populares, ao assimilarem o discurso dos dirigentes

abastados, não apenas o reelaboraram, mas, principalmente, procuraram agir de forma autônoma para assegurarem seus interesses.

A Cabanagem originou-se das pequenas revoltas e conflitos sociais que estavam acontecendo nas áreas rurais e urbanas da província do Pará. Mas foi em 1835 que a Cabanagem ganhou força, foi assim denominada devido seus componentes, em sua maioria indígenas, mestiços e negros que viviam em cabanas à beira dos rios da região, os quais se dedicavam às atividades de extração de produtos da floresta, tais como, castanha, látex entre outros, e de pesca. Este povo se revoltou diante da situação de miséria e desumanidade a que estavam submetidos.

De acordo com Francisco Jorge (2007), de 1835 a 1836, o Alto Amazonas foi atingido pela onda revolucionária da Cabanagem, que se iniciara na Comarca do Grão-Pará em 1835. Originado no seio da elite paraense, esse movimento social congregou não só membros abastados, mas também, e principalmente, setores expressivos da massa popular amazônica, representada pelos índios destribalizados – os tapuios -, e também por brancos pobres, mestiços marginalizados e negros escravos e livres.

Foi nesse período que surgiram homens importantes que se tornaram líderes na revolta da província, entre eles estavam o Padre Batista Campos, Eduardo Angelim, Antônio Vinagre, o fazendeiro Clemente Malcher, o jornalista Vicente Ferreira Lavo e Francisco Pedro. No ano de 1835, no dia 7 de janeiro, Antônio Vinagre liderou os rebeldes para tomarem o quartel e o palácio do governo de Belém, e assim o fizeram. Em seguida prosseguiram com os planos e em menos de um dia, atacaram e conquistaram a cidade de Belém, assassinando o presidente Lobo de Souza. Então Clemente Malcher foi escolhido como presidente da província e Francisco Pedro Vinagre foi nomeado Comandante das Armas.

Marilene Corrêa da Silva (2012) explica que a explosão da Revolução Cabana é o momento mais agudo da situação regional que tem, no assassinato do presidente da Província, o resultado imediato das várias ações repressivas que a ordem nacional empreendeu, visando equacionar a crise política da sociedade amazônica.

Os cabanos tentaram formar um forte governo que pudesse revolucionar e governar a província do Pará, mas tiveram muita dificuldade em manter o controle da situação, pois as divergências e os conflitos entre os próprios líderes do movimento foram à principal causa do fracasso da rebelião. Então o governo cabano não durou muito tempo por conta de traições entre os líderes do movimento, e, devido ao presidente Malcher se identificar mais com os interesses do grupo rival. Eduardo Angelim, Francisco Vinagre e os cabanos pretendiam se separar, em decorrência dos conflitos internos.

De acordo com Francisco Jorge (2010), senhores e governantes da Comarca do Alto Amazonas, de março a agosto de 1836, os cabanos impuseram a autoridade de Eduardo Nogueira Angelim, como presidente interino da Província do Pará, um mandato curto que não atendeu satisfatoriamente os anseios do grupo.

Durante todos esses acontecimentos, os que mais sofreram foram os moradores e revoltosos do Grão-Pará, que passaram por cinco anos de intensa e sangrenta luta, e mesmo assim, ao final, foram derrotados. A estimativa é que durante essa guerra dos cabanos com as tropas governamentais, a população do Pará, que era de cerca de 100 mil habitantes, foi reduzida a 60 mil, o que nos mostra que a Cabanagem foi um grande movimento de guerra que não só tirou a vida de inúmeros mestiços, índios e negros que compunham a população de pobres da região, mas também destruiu uma grande parte da elite amazônica.

É com base nos fatos históricos que o autor Márcio Souza elabora sua obra Lealdade, e assim estabelece uma clara relação entre ficcionalidade e fatos históricos, aspectos estes de suma importância para dar sustentabilidade ao estudo proposto nesta pesquisa cujo foco de análise se concentra numa leitura e discussão analítica da representação do movimento da cabanagem dentro da obra “Lealdade”, aqui tomada como objeto de estudo.

AUTOR E OBRA

Márcio Gonçalves Bentes de Souza nasceu em Manaus, Amazonas, no dia 4 de março de 1946; filho de Jamacy Senna Bentes de Souza e de América Gonçalves de Souza, aos 14 anos começou a trabalhar como crítico de cinema no jornal O Trabalhista, do qual seu pai era sócio. Em 1965, assume a coordenação das edições do governo do Estado do Amazonas, mas logo em seguida muda-se para São Paulo onde ingressa no curso de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo - USP. Perseguido pela ditadura militar, interrompe os estudos em 1969 e começa a vida profissional no cinema, como crítico, roteirista e diretor.

Na dramaturgia, escreveu peças como "As folias do látex" (1979) e "Tem piranha no pirarucu" também em 1979, destacou-se também como cineasta e ensaísta. Em 1967 publica seu primeiro livro “O Mostrador de Sombras”, mas foi em 1976 com a obra "Galvez - Imperador do Acre", que se firmou na carreira de escritor, iniciando assim uma promissora carreira literária, publicando diversas obras inseridas no ambiente sociocultural da Amazônia. Assumiu o cargo de diretor de planejamento da Fundação Cultural do Amazonas, e foi também presidente

da Funarte entre 1995 e 2003, no governo de Fernando Henrique Cardoso. Ocupa desde janeiro de 2013 a presidência do Conselho Municipal de Política Cultural da cidade de Manaus.

Ao longo de sua carreira como escritor, Márcio Souza conta com diversas publicações, em diferentes áreas, seja como teatrólogo, cineasta, historiador, crítico literário, romancista e contista, sendo autor das obras: “O Mostrador de Sombras” (1967), “A Expressão Amazonense” (1978), “Teatro Indígena do Amazonas” (1979), “Operação Silêncio” (1979) entre outros. Sua carreira conta com mais de vinte títulos entre eles Mad Maria (1980), livro que deu origem a uma minissérie de televisão.

Márcio Souza deu continuidade à sua carreira como romancista dedicando-se a produção de uma tetralogia sobre os anos em que a antiga Província do Grão-Pará, que fora durante todo o período colonial um Estado separado do Estado do Brasil, atravessou a séria crise de sua anexação ao Brasil e de revoltas contra o poder e contra a desigualdade social, de que padeciam, sobretudo os negros e os indígenas. Em 1997 publicou “Lealdade” o primeiro livro de sua tetralogia, obra eleita como objeto de estudo na presente pesquisa. Trata-se de um romance de característica histórica, uma obra forte que procura retratar a realidade sofrida do povo cabano em guerra, lutando contra o abuso de poder, pela liberdade e direitos sobre a terra.

O segundo livro que compõe a tetralogia é “Desordem” (2001), onde iremos encontrar os mesmos personagens presentes na primeira obra, já decorridos dez anos, mas as histórias de horrores continuam com uma década de guerra civil, onde mais uma vez o povo do Grão-Pará é derrotado. Entre esse povo horrorizado estavam os índios, que sofriam grande severidades na mão dos imperiais como aponta Souza (2001): “O suplício dos dois fugitivos já se prolongava por mais de uma hora. Arrastado sem piedade por um terreno acidentado, cheio de tocos e barro crestado como pedra, eles estavam bastante feridos, os troncos e membros superiores transformados em postas sangrentas" (p. 68).

A história se inicia com o anúncio da morte de um homem importante e também idealizador na luta de liberdade e justiça pelo povo paraense, esse homem era o Cônego Batista Campos.

> Na madrugada de 1º de janeiro de 1835 os sinos dobraram por finados em Belém. Uma avalanche de gente pobre saiu às ruas. Gente enfurecida querendo extravasar de qualquer maneira um acúmulo de injustiça e mágoas. Gente querendo vingança. (...). O famoso Cônego Batista Campos estava morto. E a loucura começou, populações inteiras se levantaram e, como num grande incêndio, labaredas imensas se alastraram pelo grande vale, (...), fogo incontrolável saído das almas dos mais sofridos, ignição de anos e anos de humilhação, exploração e desprezo. (SOUZA, 2001, p. 29)

Em “Revolta”, terceiro e último livro da tetralogia, a situação começa a mudar, os cabanos continuam a lutar, e em 1835 eles ficam mais fortes, e Belém é tomada por eles, os cabanos, cuja luta fica conhecida como a maior e mais extensa revolta da América do Sul, quando a escravidão finalmente foi abolida do Grão-Pará.

Segundo Antônio Dimas (2009) nas obras de Márcio Souza o aproveitamento da informação histórica é sempre abundante e muito preciso, revelando uma notável capacidade de pesquisa e de conhecimento de fontes históricas. Portanto, pode-se afirmar que a obra de Márcio Souza é uma importante fonte de conhecimento e pesquisa dentro do acervo histórico e literário da Amazônia, possibilitando assim a elaboração de diversos estudos dentro do meio acadêmico.

ANÁLISE DA OBRA

Márcio Souza contextualiza o enredo narrativo de Lealdade no período histórico do movimento ocorrido no norte do Brasil e que até hoje é pouco conhecido nacionalmente, denominado “Cabanagem”, uma revolta armada ocorrida na região do estado do Amazonas e do Pará, que fez com que os paraenses se revoltassem contra as instituições dominantes da época**.**

Em “Lealdade”, são retratados os acontecimentos ocorridos entre janeiro de 1835 até o mês de agosto de 1840, fatos estes que são narrados por Fernando Simões Correia, um militar que presenciou e participou desse movimento de revolta da província para expulsar a forças políticas de Portugal e assim libertar a região do domínio da coroa portuguesa.

“Lealdade” é um romance narrado em primeira pessoa, que tem como personagem principal Fernando, que é o narrador dos fatos, por ele é testemunhado e também vivenciado durante a revolta da Cabanagem. Ele foi para Portugal com o objetivo de estudar e de seguir a carreira militar e conseguiu realizar esse desejo, até então estava servindo a pátria portuguesa e estava ciente de que era um cidadão português, mas os outros soldados começaram a questioná-lo, pois ele havia nascido no Grão-Pará. Fernando Simões começa a ter conflitos de identidade, pois já não sabia se era um cidadão português ou brasileiro, porém insistia em dizer que era português.

> — O meu país é Portugal!
> — Não, não é meu rapaz. E que não tomes o que estou a dizer como pouco-caso, aqui está este sábio brasileiro que concorda comigo. É a verdade.

> Aquelas colônias lá da América são grandes e ricas demais para continuarem colônias. (SOUZA, 2001, p. 57)

Fernando e outros soldados foram enviados ao Grão-Pará para levarem armas, guarnição e cinquenta milicianos profissionais. Fernando era responsável por comandar os soldados e se disfarçar de homem de comércio.

> Não precisas ficar assim. Tudo vai dar certo O que estou a fazer é mandar-te de volta ao teu país, mas nada. Cá em Portugal não há futuro para um jovem como tu, regressa à tua Belém, lá é o teu lugar. (SOUZA, 2001, p. 57)

Ao chegar à sua terra ele presencia muitas atitudes praticadas pelos governantes as quais considera incorretas, como a miséria que os moradores estavam submetidos. Estavam no período regencial, o governo imperial continuava a nomear governantes ligados à elite portuguesa, o que desagradava tanto a população mais pobre quanto aos agricultores e comerciantes locais, então as revoltas começavam a acontecer, tudo havia mudado, estava começando a guerra da Cabanagem. Após Fernando ter passado por várias experiências nessa guerra, decide-se por sua identidade de paraense, e assim luta ao lado de seu povo.

> Estava fora há oito anos, e encontrei Belém bastante mudada. (...)
> As ruas estavam quase todas calçadas e estranhei que agora existissem uma muralha e um baluarte entre a bateria de Santo Antônio e o Reduto de São José, fazendo uma só fortificação. Estranhei as pessoas, também. Achava que se vestiam mal, rostos e andrajosos os pobres, desengonçados os abastados. (SOUZA, 2001 p. 62-3)

O império nomeava vários governantes na tentativa de comandar o Grão-Pará, mas as tentativas eram frustradas, pois os governantes eram depostos pela população, pois eles eram incapazes de lidar com a insatisfação dos moradores. Em agosto de 1835 ocorreu a primeira tomada liderada por Félix Melcher e Francisco Vinagre, mas o controle da cidade foi rapidamente retomado pelas forças governistas escolhidas para enfrentar a revolta. Essas forças governistas contavam com a presença de mercenários estrangeiros contratados pelo governo.

Com todos os acontecimentos o movimento cabano começava a crescer; líderes eram escolhidos para tomar a frente ao movimento, entre eles, nomes como: Eduardo Nogueira Angelim, que com 19 anos comandava uma força militar vinda do Acará; Padre Batista Campos, que tinha 52 anos e era um homem ideal que lutava pela liberdade e justiça em nome do povo paraense. Padre Batista foi eleito provedor da Santa Casa de Misericórdia, uma instituição que prestava socorro aos pobres e aos abandonados; Felix Antônio Clemente Malcher, influente fazendeiro e líder importante dos liberais, homem de trato rústico que vivia mais na sua fazenda no Acará do que na cidade**,** entre outros.

No entanto, os conflitos não estavam apenas acontecendo no governo português, aconteciam também no governo cabano, eles começavam a brigar ente si, pois alguns líderes tinham opiniões contrarias a respeito de ambos os governos. A separação entre eles aconteceu quando Malcher mandou prender Angelim na tentativa de deportá-lo. Clemente Malcher foi executado por se indentificar mais com o governo do imperio português do que com o governo cabano, com ele morto, Francisco Vinagre logo assume o seu lugar, mas este também se identificava com o governo imperial.

O terceiro a assumir a presidência foi Eduardo Angelim, mas seu mandato durou pouco tempo, e não foi tão forte como os cabanos queriam. Entre todos esses conflitos, a guerra estava feita, o movimento da Cabanagem estava ficando cada vez mais forte, gerando uma sangrenta guerra entre os cabanos e as tropas do governo central.

No enredo da obra são relatados os dias de guerra que aconteciam independente da chuva ou sol, pois o que importava era a conquista do Grão-Pará. No livro é relatado que a Belém era uma cidade cheia de medo, onde as pessoas iam se fechando, se aprisionando em si como se tudo causasse medo nos moradores. Mas a reação das pessoas era de se esperar, pois a cidade já não era mais a Belém tranquila de se morar. Nos locais que ocorriam os ataques restava apenas destruição: cascas de balas, casas queimadas, ruas destruídas e a pior das cenas: cadáveres estirados no chão como se esta visão fosse algo normal, moscas e ratos andavam por cima dos corpos, assim deixando as pessoas preocupadas com epidemia de doenças fatais. Soldados e moradores ficavam com a audição afetada devido ao barulho ensurdecedor dos canhões, outros eram mutilados ou mortos. Muitos moradores e soldados perderam suas vidas nessa guerra sangrenta, na qual o governo Português lutava sem pena alguma das pessoas, tudo para conseguir uma terra que na verdade não lhe pertencia.

> O segundo dia de guerra começou sob chuva. O comandante James se decidiu por nova tática e, ainda na madrugada, deu ordens para que os brigues e a corveta se posicionassem na enseada principal e disparassem seus canhões, assim que rompesse a aurora. (SOUZA, 1946, p. 95)

“Havia muitos cadáveres insepultos e começávamos a temer por epidemias. As ruas eram estreitas, sem calçamento, e estavam esburacadas pelas hostilidades,” (Souza, 1946, p. 99).O Grão-Pará estava se tornando um lugar enlouquecedor, a guerra continuava forte, os soldados já estavam ficando esgotados, mas nem uma das partes desistia do confronto, assim fazendo com que as lutas continuassem constantemente, não era somente os guerrilheiros que sofriam com a situação, os inocentes também faziam parte dessa guerra, pagando com suas plantações e casas incendiadas, perdendo até suas próprias vidas. Belém já não era mais

tranquila e nem oferecia a menor segurança aos seus moradores, pois os ataques eram cada vez mais frequentes, a cidade estava ficando completamente destruída.

> No dia da capitulação, quando ocupamos totalmente a cidade, algumas pessoas enlouquecidas perambularam pelas ruas, os corpos marcados por crostas de feridas, as bocas abertas sem emitir nenhum som. (Souza, 1946, p. 100)
>
> O rumor surdo dos canhões distantes disparando línguas de fogo e fumaça sobre populações inocentes, os petardos explodindo nos casarios cinzentos. Fumaça escura, chamas dos incêndios, corpos estraçalhados. (SOUZA, 1946, p. 103-4)

Essa revolta prendeu e executou muitas pessoas subordinadas ao governo Português para garantir a liberdade da província e anexá-la ao Brasil. A Revolta da Cabanagem durou cinco anos e foi uma verdadeira guerra sangrenta, no entanto, apesar dos cabanos lutarem bravamente eles foram reprimidos pelo governo regencial, pois muitos foram presos ou mortos, assim fazendo com que a revolta terminasse sem que os cabanos conseguissem atingir seus objetivos de obter melhores condições de vida e ver a Belém livre. Porém o povo continuava com o desejo de independência, e foi no dia 16 de agosto que uma grande parte da população do Grão-Pará fez um juramento para continuarem na busca pela liberdade da sua terra.

> Dia 16 de agosto.
> Foi o dia do juramento à independência. Todos aos mais importantes cidadãos do Grão-Pará e uma enorme massa popular reuniram-se na sala do dossel, no palácio, fizeram juramento e assinaram um termo.
>
> No teste, meu amigo - comentou Batista Campos. Não somos mais colônia. Somos uma província. (SOUZA, 2010, p. 228)

Márcio Souza escreveu essa obra rica em detalhes, e podemos interpretá-la como um meio de denunciar os horrores ocorridos nesta determinada cultura deste específico momento histórico. A obra relata acontecimentos verdadeiros que deixa o leitor horrorizado e pensativo a respeito de um povo que luta pela igualdade social e por uma vida digna, onde possam viver sem ser explorados, ter direito a escolher seus próprios governantes, além de poderem usufruir de liberdade, no entanto, os acontecimentos trágicos desta obra não trazem um final feliz, ao invés disso muitos cabanos foram reprimidos e tiveram que fugir de Belém, entre esses estava o protagonista Fernando, pois Belém não apresentava mais segurança alguma para nem um dos cabanos. A busca pela independência por qual os cabanos tanto lutavam, durou por muitos anos e foi relatado nos três livros de Marcio Souza, chamados de “Lealdade, Desordem e Revolta”. Nos três livros a história se repete com fortes relatos de destruição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra Lealdade trata-se de um romance de saga, na qual um personagem chamado Fernando, lança um olhar diferente em uma região marcada pela revolta em que homens lutaram pelos ideais da classe minoritária. Trata-se de uma obra hibrida, pois contém vários episódios, e o autor faz uma mesclagem entre ficção e realidade, assim levando ao leitor um imaginário no contexto na região Amazônica do século XIX

Em suma, a Revolta da Cabanagem, foi um marco histórico importante para a sociedade Paraense e Amazônica, por evidenciar um período de reivindicação das classes minoritárias como, índios, negros, e brancos marginalizados, colonos que lutaram arduamente contra os imperiais e os poderosos da época, para garantir direito de liberdade.

Os objetivos dos cabanos de certa forma foram parcialmente alcançados, porém até nos dias atuais essa luta de classes ainda existe ao que se refere a etnia dessas duas camadas que ainda são tidas como inferiores. Mas a Cabanagem ajudou muito no processo da busca por terras e direitos, e foi a partir dessa revolta que as classes minoritárias começaram a lutar pelo direito de igualdade e pelo espaço na sociedade. Porém não podemos deixar de ressaltar, que a guerras dos cabanos deixou cerca de 40 mil mortos, e a classe dominante não aceitava que a classe minoritária opinasse e nem fizesse parte das decisões políticas.

Nesta pesquisa buscamos mostrar fatos reais de uma luta de um povo guerreiro, de um importante movimento popular do Brasil, que foi muito importante para a sociedade Paraense e Amazônica, que caiu no esquecimento de toda sociedade, mas que é um marco importante e construtor para muitas das cidades da antiga região do Grão-Pará, e que será sempre relembrado, pois foi um movimento em que representantes das camadas minoritárias, e humildes reivindicaram e ocuparam o poder em toda uma província.

Márcio Gonçalves Bentes de Souza, fez de certa forma com que o romance Lealdade fosse uma obra que passasse a realidade, mostrando ao longo da narrativa o amadurecimento e a formação de indivíduos mais críticos a respeito da política e das condições humanas, além de trazer ao leitor pensamentos e emoções fortes a respeito de todos os fatos ocorridos na guerra da Cabanagem, causando uma reflexão sobre como uma pessoa do século XXI teria vivido naquela época, em uma sociedade na qual as pessoas não possuíam direitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade:** estudos de teoria e história literária. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CHIAVENATO, Júlio José. **As lutas do povoado contra os elites**. São Paulo: Moderno, 1989.

FREITAS, Marcos César de (org.) **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2010.

GRAÇA, Antonio Paulo e TELLES, Tenório – **Estudos de Literatura do Amazonas**. Manaus: Valer, 2003.

GOMES, Emmanuel. **História de Todo Mundo** - Um olhar sobre a história "Regional". Porto Velho – RO, Primmor Gráfica e Editora Ltda: 3ª Edição, 2004.

GONDIM, Neide. **A Invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Fatos da Literatura Amazonense**. 2ª. Edição. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1998.

RODRIGUES, Denise Simões. **Revolução cabana e construção da identidade amazônida**. Belém: EDUEPA: 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 4. ed. Petrópoles, RJ: Vozes, 2014.

SOUZA, Márcio. **Desordem**. Rio de Janeiro: Record, 4ª. Ed. 2001.

SOUZA, Márcio. **Lealdade**. Rio de Janeiro: Record, 4ª. Ed. 2001.

_____, Márcio. **A expressão amazonense** – do colonialismo ao neocolonialismo. Manaus: Valer, 2ª. Ed. 2003.

_____, Márcio. **História da Amazônia**. Manaus: Editora Valer, 2009.